

IlSbOAndO¹ nAs oNDaS dOs sIlÊncIOs MuSeoLÓGiCoS dA LiSBoa dE LuZ bOA

Luzia Gomes Ferreira²

*“O mar sabe devolver à terra tudo o que lhe pertence.
Mas, é preciso saber tecer o vento para entrançar uma
trela às palavras.”*

(Fatou Diome)

rEsUmO: Apresento neste artigo as minhas percepções sobre a cidade de Lisboa e os silenciamentos museológicos constatados após três anos de habitante da capital portuguesa, como doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Nesta escrita trilhei os caminhos da ciência e da poesia, seguindo o fluxo das águas. Estou imersa nessa paisagem urbana e nas diversas paisagens humanas com as quais cruzei nas minhas andanças pelas ruas lisboetas. Construí esta narrativa a partir do meu olhar sobre a cidade não por devaneio egóico, mas sim pela possibilidade de refletir individual e coletivamente que habitar a pele de investigadora, não me imunizou das mazelas e benesses do contexto sociocultural no qual estou inserida. Quando se carrega uma paisagem corporal negramente feminina na condição de imigrante, é quase impossível se permitir o gozo da neutralidade inexistente tão almejada pela ciência. Já me questionaram, se faço ciência ou ativismo; se escrevo artigo ou poesia. Permito-me fazer tudo, sem me submeter a nada.

pAIAvrAs-chAvE: Imigrante. Lisboa. Silêncios.

IlSbOAndO nA oNDaS dI sIlEnSIUS MuSeoLÓGiCoS dI kel LiSBoa dI LuZ bOA

rlzUmU³: N'es artigu N ta mostra nhas pensamentu di Lisboa y silensiamentu museologico ki N rapara n'es tres anu, na vizon di un morador di kapital di Purtugal, i, inkuantu dotoranda na prugrama di "Pós-graduação na Museologia, na "Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia" (ULHT). N'es padás di papel skrebedu, N trisdja kaminhus di siensia y di poezia na korenti d'agu. N sta murgudjadu n'es paizaji urbanu y na munti otu paizaji umanu ki N ben konxi n'es nhas andansas pa ruas di Lisboa. N fasi es narativa li na ozerba kel sidadi li, non motivadu pa un fantazia iguista, mas sin parabes di pusibilidadi di matuta individual i kuletivamente ma o fatu di N bisti peli di un investigadora, ka libra-m nen di xatisa, nen di vantaji d'es kontestu sosio-kultural undi ki N sta metedu. Oras ki ta karegadu un paizaji korporal negramenti fimininu na kondiison d'un imigranti, e mutu difisil pruveta kel neutralidade ki ka ten, ma ki é txeu dizejadu pa sensia. Dja N purguntadu si N ta fasi siênsia o ativismo, si N ta skrebi artigu o poezia. Ami N ta fasi tudu. Nada ka ta stroba-m.

pAIAvrAs-chAvE: Imigranti. Lisboa. Silensiu.

¹ Neologismo criado pelo ator angolano Matamba Joaquim. Amigo de águas tejas que me apresentou o verbo LISBOAR.

² Poetisa; Feminista Negra; Museóloga; Antropóloga; Professora do Curso de Museologia do Instituto de Ciências da Arte (ICA) da Universidade Federal do Pará (UFPA); Doutoranda e Bolsista em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT), sob a orientação do Professor Doutor Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha. E-mail: lu.ayeomi@gmail.com

³Agradeço imenso ao meu amigo-poeta Apolo de Carvalho que generosamente fez a tradução desse resumo para o Crioulo Caboverdiano. Apolo, obrigada pela sua poesia escrita e dita em Crioulo Caboverdiano e por propiciar aos meus ouvidos o encantamento com a sonoridade linguística das Ilhas.

IlSbOAndO nAs oNDaS dOs sIlÊncIOs MuSeoLóGiCoS dA LiSBoa dE LuZ bOA

Luzia Gomes Ferreira

o Meu IUgAR nAs áGuaS dA ouTRa mArgEm

Cheguei em Lisboa no dia 19 de fevereiro de 2014 para realizar o meu doutoramento em Museologia na (ULHT), cheia de incertezas sobre o que me esperava no velho mundo. Logo eu, que nunca tinha atravessado a Ponte Internacional da Amizade para conhecer o nosso vizinho Paraguai, de repente, após oito horas de vôo, não estava na Bacia do Plata e sim, na outra margem do Atlântico. Para minha surpresa, ainda no aeroporto descobri que a Europa não era tão branca como me foi apresentada pelos livros de história, pelas artes e as mídias brasileira e ocidental. Foi amistoso olhar ao redor e ver tantas pessoas negras como eu no ancião continente. No trajeto de táxi do aeroporto até o centro de Lisboa, olhava as ruas e as remetia às ruas das cidades brasileiras. E falava comigo mesma: de certa forma estou em casa, apesar da dificuldade momentânea de compreender o idioma que parecia tão diferente do meu e, em certa medida, é.

Procuro o meu país onde os braços do Atlântico fusionam para originar a tinta malva que diz a incandescência e a doçura, a queimada da existência e a alegria de viver. Procuro o meu território numa folha branca; um caderno cabe num saco de viagem. Portanto, onde quer que ponha as minhas malas estou em casa. Nenhuma rede poderá impedir as algas do Atlântico de vogar e buscar o seu sabor nas águas que atravessam. Rasurar, varrer os fundos marinhos, molhar na tinta de choco, escrever a vida na crista das ondas. Deixai soprar o vento que canta meu povo marítimo, o Oceano só embala aqueles que chama, desconheço a amarração. A partida é o meu único horizonte oferecido aos que procuram os mil escrínios onde o destino esconde as soluções dos seus mil erros (DIOME, 2004, p. 210).

Olhava a cidade, ouvia diferentes idiomas, escutava músicas dos países africanos que nunca chegaram aos meus ouvidos de brasileira, mas que meu corpo reconhecia. Via rostos tão parecidos com o meu, mas também vários rostos que só chegavam a mim pela tela de cinema. Encantava-me com as cores e as flores da primavera e me aterrorizava com o cinza do inverno. O silêncio citadino era uma incógnita para mim. E me perguntava: como uma capital pode ser tão silenciosa?

Não conseguia identificar os bairros pelos cheiros, como é tão comum no Brasil. Aliás, aprendi que aqui tinha de me localizar pelos nomes das ruas e não pelos bairros. Tudo tão familiar e ao mesmo tempo tão distante. E o rio Tejo acalmava-me nos dias de banzo⁴. Com o passar dos dias, decidi: quero pesquisar a arte africana produzida nessa cidade e me lancei no mundo museológico e não museológico de Lisboa. Propus-me ser a outra, pesquisando as/os outras/os nesse outro lugar. Mergulhar na cidade de águas tejas era preciso para entender as presenças e ausências do continente africano nesse país. Mas para isso, precisei delimitar o meu lugar de fala e exercitei o meu direito a voz e a escuta.

Para muitos acadêmicos está *demodê* falar de lugar, pertencimento e identidades sólidas. Porém, enquanto acadêmica e pessoa negra no mundo, a Europa me fez questionar quem tem direito ao não-lugar e as identidades fluidas. A minha paisagem corporal deambulando nas ruas de Lisboa sempre fez as pessoas me atrelarem a um território fixo, e esse lugar é a África, a qual não conheço, a qual não pertenço, mas faz parte de mim. Senhoras e senhores, sinto muito contrariá-las/os, mas sim, eu não tenho direito ao não-lugar, eu não posso me permiti ao regozijo das identidades fluidas. A minha negritude é um enquadramento constante sem a minha autorização. Porém, não é um aspecto limitador da minha existência.

O meu corpo negro e tantos outros corpos negros nas ruas lisboetas e das outras capitais europeias que visitei estão fortemente marcados, vigiados, punidos, exotizados, mas também em alguns momentos e contextos admirados e muitas vezes cobiçados. A mim dificilmente será permitido transformar-me em branca e dizer: “agora, não sou mais preta, sou ruiva. E daí?” Ainda que muitas mulheres brancas se permitam travestir-se de negras ou declararem-se negras, quando lhes convém, por ter “empatia” com as práticas culturais negras ou por acharem simplesmente bonito, o inverso não ocorre. Mesmo que eu quisesse assumir uma identidade branca, habitar na fluidez de uma pele branca, a minha individualidade e subjetividade são cerceadas por marcadores sociais que me lembrarão a todo o momento que a tez habitada por mim, é negra. Diante disso, vos falo do meu lugar de museóloga em processo documental, da antropóloga em observação constante e da poetisa andarilha. Geograficamente, falo enquanto sul-americana, brasileira,

⁴ Banzo é um termo de origem africana e significa estar triste, pensativo, atônito. In: <https://www.significados.com.br/banzo/>
Último acesso realizado em 13 de Março de 2017.

baiana, a partir desse meu corpo negro nas diferentes margens do Atlântico. Falo do lugar de uma imigrante temporária em Portugal que, apesar do conforto da língua, nos primeiros momentos tive o desconforto de penetrar o país que colonizou o meu e escravizou meus antepassados.

A história da colonização ainda é uma chaga aberta, as cicatrizes são superficiais e inflamam a qualquer toque descuidado. Alguns nativos (portugueses) dizem: “isso já faz muito tempo, Portugal foi mais ‘brando’ no seu processo colonial; os portugueses foram menos ‘racistas’, pois se ‘miscigenou’ com os autóctones; os portugueses levaram a civilização”. Para início e fim de conversa, toda e qualquer colonização foi e é violenta, foi e é a subjugação de um povo. Colonizar não foi e não é civilizado, foi e é a materialização da barbárie. Chegar em Lisboa e ouvir essas falas dentro e fora da academia, ver a exaltação a “Era dos Descobrimentos”, receber convites gentis para visitar o Padrão dos Descobrimentos na Freguesia de Belém, foi algo inquietante para mim. E então constatei que, para alguns de nós, os outros da outra margem do atlântico, não é possível estar aqui sem rememorar essas memórias traumáticas e perversas. “[...] À história colonial, queremos desmontá-la, mas estamos sempre a contar a mesma história. Vivemos numa quádrupla ignorância em relação a essa história: a gente não sabe, não precisa saber, não deve saber e não quer saber.” (KILOMBA, 2016, <http://brasileiros.com.br/2016/09/o-conhecimento-e-colonizacao/>).



1 – Largo de São Domingos em Lisboa. Lugar que carinhosamente chamamos de Pequena África, devido a concentração de guineenses neste local, comercializando produtos, como óleo de palma, obi, camarão seco, quiabo, pimenta, patuás, entre outras coisas.

Foto: Luzia Gomes - 2014.

Em Lisboa trilhei diferentes caminhos: de acadêmica a poetisa, passando pelo de atriz e curadora de cinema. Ao mesmo tempo que desvelava a cidade, também me redescobria. A poesia fez morada em mim. O cinema se revelou como mais uma possibilidade de diálogo com a Museologia. E na academia portuguesa aprendi a importância da generosidade acadêmica⁵, uma vez que as universidades, muitas vezes, se tornam espaços inóspitos, humanamente desumanizados. Penso que também precisamos pensar cotidianamente os silêncios e silenciamentos não só nos museus, mas também na academia. E assim, fui navegando nas ondas silenciosas do Tejo, aportando em portos de calma, mas também de turbulências com rotas de ventos oscilatórias. Fui criando e recriando memórias minhas na cidade e da cidade. Permiti-me poetisar no mundo acadêmico e fora dele, trazendo para o meu texto os referenciais do meu lugar nesse mundo, pois aqui descobri que o meu porto seguro ainda é a Bahia. Por isso, homenagem sempre as Yabás⁶ do meu Ori.

A minha beleza é desenquadrante... É negra como a noite... leve como o ar... colorida como o arco-íris... densa como a chuva... intensa como o fogo... ativa como os raios... luminosa como o sol... É a beleza da África que não é minha, mas a qual pertence... É a beleza das Yabás do meu Ori...

A beleza da Pomba-Gira diurna e noturna que me protege nas ruas...
A beleza da Nanã que nos oferta a lama da vida e guia meus passos...

A beleza da Oxum doce, faceira e vaidosa que reina em mim...

A beleza da Yemanjá que me acalma com o seu mar materno...

A beleza da Oyá de ventos e tempestades que me lança no mundo como uma borboleta atlântica...

A beleza da Ewa de crepúsculo celeste abrigando a infinitude do horizonte...

A beleza da Obá guerreando com seu arco e flecha de amor feminino...

A beleza da Cabocla do 02 de Julho que me tornou independente...

A minha beleza é ancestralmente bela!.. (GOMES, 2016, <https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=5781780040862034288#editor/target=post;postID=5083383097127207376;onPublishedMenu=allposts;onClosedMenu=allposts;postNum=3;src=postname>).

A Audre Lorde nos disse que a “poesia não é luxo” (LORDE, 1977). Para pensar academicamente os museus e a Museologia, constantemente recorro a

⁵ Ouvi essa frase da Professora Doutora Judite Primo, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia da ULHT. Em nossos Seminários de Investigação, a professora Judite sempre pontuava a necessidade de exercitarmos a generosidade acadêmica e sermos solidários com nossos pares acadêmicos e não acadêmicos.

⁶ Yabás, são entidades femininas do Candomblé, religião afro-brasileira. Ori, é uma palavra de origem yorubá usada no Candomblé baiano para se referir a cabeça da/o iniciada/o nos preceitos religiosos.

prosa e a poesia. Visito exposição por prazer e não por ordem do ofício. E ultimamente observo uma despoetização dos museus, não só no sentido estético, mas, no sentido vivido. Tudo precisa ser dissecado, explicado sem reticências, muitas vezes arbitrariamente, sem deixar espaço para a fruição e o encanto. Acredito que é possível politizar com linguagem poética. Por outro lado, quase sempre tenho a sensação de que o direito a poetisar nos museus e fora dele, ainda fica restrito aos homens brancos. Ser mulher negra e decidir poetisar a vida em qualquer espaço ainda é um ato revolucionário. Nesse sentido, Lisboa foi generosa comigo, me mostrou como a poesia acalma, suaviza e contempla a alma, mas também, expurga, abre feridas, cicatriza e limpa as nossas emoções e memórias.

[...] eu acredito que as mulheres carregamos dentro de nós mesmas a possibilidade de fusão dessas duas abordagens tão necessárias à sobrevivência, e nós chegamos mais perto dessa combinação em nossa poesia. Eu falo aqui de poesia como uma destilação revelatória da experiência, não o jogo de palavras estéril que, tantas vezes, os patriarcas brancos distorceram a palavra poesia para significar – para assim cobrir um desejo desesperado por imaginação sem vislumbre.

Para mulheres, então, poesia não é um luxo. Ela é uma necessidade vital de nossa existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual nós predizemos nossas esperanças e sonhos em direção a sobrevivência e mudança, primeiro feita em linguagem, então em ideia, então em ação mais tocável. Poesia é o caminho com que ajudamos a dar nome ao que não tem nome, para que possa ser pensado. O horizonte mais distante de nossas esperanças e medos é calçado por nossos poemas, cavado das experiências pétreas de nossas vidas diárias. (LORDE, 1977, [s/n]

<https://feminismoacademico.wordpress.com/2016/06/15/poesia-nao-e-um-luxo/>).

O meu lugar nas outras margens do Atlântico foi de estranhamentos e entranhamentos. Estranhei habitar a pele de uma imigrante, mesmo que em alguns contextos goze do privilégio de ser uma doutoranda em Lisboa e professora de uma universidade pública brasileira. Contudo, no cotidiano, estas informações não estão tatuadas na minha face, meus títulos acadêmicos não estão escafiados no meu corpo e o que chega é a minha paisagem corporal negra e, a partir dela, faz-se muitas leituras estereotipadas, perpetuadas secularmente.

Entre mim e o outro mundo existe sempre uma pergunta por fazer: por fazer, por parte de alguns, por sentimentos de delicadeza; por parte de outros, devido à dificuldade de enquadrar correctamente.

Contudo, todos giram em torno dela. Abordam-me de um modo semi-hesitante, olhando-me com curiosidade ou compaixão e depois, em vez de dizerem diretamente ‘Como é ser um problema?’, dizem, ‘Conheço um homem de cor extraordinário na minha cidade’ (...) Perante isto, sorrio, fico interessado ou deito água na fervura, consoante a ocasião. À pergunta real: ‘Como é sentir-se um problema?’ raramente respondo com uma palavra que seja (DU BOIS, 2012, pp. 49-50).

Entranhei-me no mundo das artes da Lisboa Africana e segui lendo, cantando, dançando, declamando, filmando, fotografando, escrevendo, descrevendo, me deixando guiar pelos ventos atlânticos nessa cidade-poema com a sua luz boa, me permitindo construir afetos e laços fraternos de amizades com imigrantes como eu e também com portugueses, pessoas essas que estão musealizadas afetuosamente no museu do meu ser.

mUsEOIOgIA dAs ÁgUAs TeJaS



2 – Rio Tejo visto da Praça do Comércio em Lisboa – PT
Foto: Luzia Gomes – 2016.

Rio Tejo

Olha a agulha que bordou o Outono desta água com linhas de prata a brilhar na teia das nuvens encaracoladas pelo assombroso caminhar oblíquo da cidade,
é a mesma que te ensinará a sonhar com os remos gelados a derreterem na boca dos peixes.

Ouve: a verdadeira música escrita pelo tempo, das intermináveis escavações da pedra na nascente das rosas festivas de sonoridades chuvosas,
é a mesma que escutarás no dia da ornamentação das videiras à espera do incêndio dos castelos.
Portanto afoga-te com o coração pendurado no longínquo exercício migratório das águias e não temas a fogueira das ondas invisíveis do vento que te conduzem ao esperado matrimónio com o mar
(MUCAVELE, 2016, p. 51).

A Museologia sempre me proporcionou viagens. Viajar para outros contextos socioculturais dentro e fora dos museus. Viagens coletivas e individuais a partir das coisas e das narrativas criadas nas exposições as quais visitei e visito. Ofertou-me viagens pelas ruas-galerias das cidades conhecidas e desconhecidas por mim. Em Lisboa, viajei pelos mundos museológicos e os mundos das diferentes e diversas ruas. Transitei pelos museus clássicos e contemporâneos, passando pelas Galerias de Arte. Compreendo que ao visitar os museus, também estou carregada dos meus ideais culturais, políticos, artísticos e subjetivos constituintes do meu ser, enquanto humana e mulher, pertencente a um determinado espaço físico e simbólico. Nessas andanças museológicas o meu olhar não está neutro. E foram justamente essas viagens por dentro e por fora dos espaços oficiais e não-oficiais de memórias em Lisboa, que me fizeram perceber os não-diálogos entre a cidade contemporânea vivida por mim e os museus. E que me fizeram interrogar: de que forma a Museologia está ou não está intermediando o diálogo entre os museus e a cidade do presente? O poeta e escritor português Manuel Cintra descreve Lisboa como:

[...] uma cidade repleta de versos. Transborda poesia por todos os lados. Quase ninguém se dá conta, quase ninguém lê ou ouve poesia, mas isso é por ela ser feita de pessoas que dela não gostam, que dela não vivem, que nem sabem que ela existe. E é com esses tijolos que a casa da poesia melhor se constrói: a ignorância, a alma inconsciente, e uma tendência vertiginosa para o dramatismo compulsivo e para a insatisfação geral. Então a poesia instala-se, vibra, escrevem poesia. E acontece mesmo, embora raramente, que alguém a publique. Mas isso é aspecto de menor importância, porque a poesia publicada ou não, quando está lá, arranja sempre uma maneira de surgir: um dia, até a banca se lembrou de fazer notas com a cara do Fernando Pessoa e uma rosa. E pior: valiam cem escudos. O preço na altura de vários cafés. E é nessa Lisboa que Pedro acaba de perder as asas como um anúncio, uma atracção por um nome de rua. E uma certeza: só se muda de casa por ser impossível não mudar” (CINTRA, 2014, p. 33).

Para muitos Lisboa é poesia, para tantos outros muitos, Lisboa é desencanto. Desde quando cheguei aqui, ouço falar da multiculturalidade lisboeta. Mas que multiculturalidade é essa, onde cada um está no seu quadrado? Que multiculturalidade é essa, em que as memórias e as vivências dos outros que aqui vivem sob o rótulo de imigrantes, não são reconhecidas pelo Estado português? Que multiculturalidade é essa, para quem já nasceu, cresceu e vive aqui, mas não é branco, logo, não é reconhecido como português? Para o curador português António Pinto Ribeiro:

Ainda que o conceito multicultural seja hoje cada vez mais questionável – dado o carácter de ‘branqueamento’ que por vezes assume – a situação portuguesa é, a este nível, absolutamente pré-moderna, com profundos traços neo-coloniais. Apesar da presença de africanos, indianos, chineses e, mais recentemente, de exilados e imigrados de países do Leste europeu, a sua visibilidade e expressão cultural é nula ou escamoteada. Não é pelo facto de haver uma Feira do Relógio controlada maioritariamente por ciganos, algumas boîtes africanas e com uma dezena de restaurantes chineses que a sociedade portuguesa, e Lisboa em particular, é uma sociedade multicultural. Uma cidade é multicultural quando irrompem no seu mapa lugares e actividades propositadamente lúdicas e culturais da responsabilidade de grupos minoritários. Não se trata de um problema de etnia: trata-se principalmente de um problema de ocupação espacial e de diferenciação territorial feitas por indivíduos culturalmente diferentes (PINTO, 2004, pp. 70-71).

Nas ruas da Lisboa pelas quais caminho, há momentos que nem ouço pessoas falando português. E não estou me referindo aos turistas nórdicos ou não-nórdicos que na maioria das vezes estão aqui de passagem, mas que são sempre bem-vindos. Nem dos estadunidenses brancos que escolheram Portugal para residirem. Uma matéria publicada no site EVASÕES⁷, no dia 07 de novembro de 2016, foi intitulada “Histórias de norte-americanos que escolheram Portugal para viver”. A reportagem apresentou dignamente os motivos que levaram esses estadunidenses a se estabelecerem em Portugal e como o país os recebeu de braços abertos. Evidentemente que nem precisaria explicitar, mas explicito, que na matéria citada, os estadunidenses brancos em nenhum momento foram classificados como imigrantes e há toda uma condescendência alegre com a presença fixa deles em solo português.

⁷ <http://www.evasoes.pt/ar-livre/historias-de-norte-americanos-que-escolheram-portugal-para-viver/>

Não sei como esses mesmos estadunidenses são tratados ao frequentar o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Fiquei na cruel dúvida: a matéria não os vê como imigrantes, logo eles não precisam do SEF? Mas, independentemente de qualquer coisa, faço aqui uma alusão à fala da escritora senegalesa Fatou Diome, que explicitou em um programa da televisão francesa⁸, que os franceses, holandeses e alemães têm o “passaporte bom” e isso os permitem circular livre e tranquilamente, quase sempre sem pedir licença, por praticamente todas as partes do globo terrestre. Creio que os estadunidenses acolhidos fraternalmente em Portugal, não rotulados de imigrantes, que são tratados como pessoas, com nome e sobrenome expostos nas suas fotografias, com suas individualidades respeitadas, também fazem parte desse grupo seletivo da humanidade que possui o “passaporte bom”. Logo, acredito que esse documento básico, que pode abrir ou fechar as fronteiras para a nossa circulação geográfica, lhes possibilita um tratamento respeitoso no SEF. Qualquer pessoa que não possua o “passaporte bom”, sabe o tratamento distintivo e muitas vezes desrespeitoso, que recebe no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.



3 – Largo de São Domingos onde foi criado um mural com essa frase contraditória e vazia em diferentes línguas. Frase esta que sempre me gerou incômodo.

Lisboa/PT

Foto: Máira Zenun – 2015.

Quando me refiro a Lisboa na qual não ouço português, estou falando dos bangladeshianos que foram meus vizinhos e ocupam boa parte da Rua do Benfornoso na Mouraria; estou falando dos chineses com seus estabelecimentos

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=tMpGZNRvu4M>

com letreiros no seu idioma de origem; estou falando dos guineenses que comercializam seus produtos no Largo de São Domingos e comunicam-se entre si na sua língua materna. Estou falando do Projeto Pão a Pão para integração de refugiados, que cria postos de trabalhos para as mulheres sírias. E mais uma vez questiono: como os museus lisboetas e a Museologia portuguesa estão vendo as memórias dessas pessoas? Há espaços para essas pessoas nesses museus e nos estudos museológicos portugueses?

Focando exatamente na minha investigação de doutoramento em curso no Programa de Pós-Graduação em Museologia da ULHT, onde estudo Galerias de Arte que possuem coleções de obras artísticas produzidas por artistas africanos em Lisboa, me deparei com o silenciamento sobre as memórias negro-africanas do presente. Ao mesmo tempo, esse silenciamento me concedeu o deslocamento por espaços não institucionalizados pelo Estado. Queria entender como é ser negro em Portugal e quais são as suas memórias do hoje. Trilhar os caminhos não-oficiais das histórias e memórias negro-africanas em Lisboa me possibilitou conhecer, alguns mais de perto e outros ao longe, os movimentos anti-racistas como: SOS Racismo, Plataforma Gueto, Plataforma Afrodescendentes em Portugal, a Associação Cultural Afro-Lis, a Plataforma FEMAFRO (Associação de Mulheres Negras, Africanas e Afrodescendentes em Portugal), a Djass (Associação de Afrodescendentes), o Coletivo Consciência Negra e o Solidariedade Imigrante. Cada associação dessa que citei é diferente em alguns aspectos, mas todas buscam visibilizar essa presença afrodescendente e não só, muitas vezes silenciada em vários espaços institucionais da cidade, incluindo os museus.

No tocante à minha pesquisa, não foi apenas uma única vez que indicaram-me o Museu Nacional de Etnologia como local de excelência para realizar a minha investigação. E eu questioneei: a presença negro-africana em Lisboa se resume aos objetos encarcerados nas vitrines e reserva técnica do Museu Nacional de Etnologia? Ou aos nomes de algumas ruas pelas quais saudosamente passeamos? Por isso, quase sempre tenho de explicar que a minha pesquisa se debruça sobre arte contemporânea produzida por artistas africanos e não acerca de objetos classificados de etnológicos. E basta darmos um “rolezinho” pelas galerias de arte e centros culturais de Lisboa, para encontrarmos essas produções artísticas pulsantes no hoje do aqui e agora.

O jornalista português Daniel Oliveira em sua matéria publicada no Jornal Expresso em 15 de dezembro de 2016 faz o seguinte relato:

A patranha da nação pluricontinental e multirracional está de tal forma enraizada nas nossas cabeças que acreditamos que o racismo não é uma questão em Portugal. A nossa fé nesta mentira é tal que até dispensamos instrumentos para saber da profundidade do problema. Por uma questão de respeito pela ilusão da igualdade racial em Portugal não temos registos por etnia. Nem sequer damos aos negros e aos ciganos o direito a existirem. O preço da sua invisibilidade é a ignorância que alimenta as nossas fantasias de tolerância. Como não há qualquer registo étnico, só nos podemos socorrer de uma comparação entre os cidadãos portugueses e dos países de língua oficial portuguesa. E os números mostram que, ao contrário do que gostamos de imaginar, Portugal tem uma questão racial. De desigualdade profunda e de direitos diminuídos. Para a podermos combater temos de começar pelo básico: ter informação estatística que nos permita reconhecer o problema, dar visibilidade a esse problema e às suas vítimas e ter quem represente esta parte invisível da nossa população. Não, Portugal não é um país menos racista do que os outros. Apenas escondemos as vítimas (OLIVEIRA, 2016, Jornal Expresso, http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/2016-12-15-O-racismo-e-as-suas-vitimas-invisiveis).

Para Cristina Roldão, socióloga portuguesa, doutora pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) e investigadora na mesma instituição:

O racismo português é aquele que faz com que os afrodescendentes estejam sobre representados nas cadeias, nas vias escolares de segunda, segregados em territórios periféricos, mais excluídos do emprego e das profissões melhor remuneradas. Aquele que também faz com que mesmo nascidos cá não sejam considerados legal e socialmente como daqui. Aquele que permite que bairros como o 06⁹ de Maio sejam demolidos pelo Estado, deixando muitos sem casa, e passando por cima dos direitos humanos como se nada fosse” (ROLDÃO, 2016, [s/n]).

Vocês que me lêem podem me questionar: e a Museologia e os Museus darão conta e têm a obrigação de resolver todas essas mazelas em aberto da sociedade portuguesa? Não sou pretenciosa para afirmar que sim. Pois as questões apontadas por mim neste texto, perpassam especialmente pelo âmbito das políticas públicas e por uma reforma educacional que inclua as histórias e memórias dos

⁹ O Bairro 06 de Maio, fica localizado no município da Amadora, região metropolitana de Lisboa e o Estado Português vem submetendo os seus moradores a uma violenta desapropriação. É um bairro habitado majoritariamente por pessoas negras.

imigrantes e seus filhos portugueses como parte constituinte da cultura e da sociedade portuguesa. Mas acredito que é desafio dos museus portugueses e também do meu país, perceber e tratar do presente. Compreender que a cidade nas quais esses museus estão instalados e funcionam, geram demandas que estão para além dos acervos abrigados nesses espaços. Os museus não devem ser reféns dos seus próprios acervos, mas podem construir outras imagens com diferentes narrativas visuais, a partir dos seus acervos e não só. A construção de um discurso museológico descolonial passa pela reconstrução imagética. Precisa ser atravessado por uma leitura e releitura crítica das imagens que temos ao nosso redor e não só do texto curatorial. Faz-se necessário e com certa urgência, voltarmos a ler as imagens nos museus e não apenas as legendas.

Imagens não são elementos mortos. Elas participam ativamente da construção dos locais sociais ocupados pelos indivíduos. Neste caso – analogamente ao preceito homeopático segundo o qual ‘semelhante cura semelhante’ –, podemos pensar que, metaforicamente, ‘imagens curam imagens,’ considerando-se que o olhar que lançamos às pessoas e aos objetos os imbui de características as mais diversas, boas ou más. Estereótipos são criados ou reforçados quando somos diariamente bombardeados por imagens que corporificam preconceitos e lugares instituídos (PAULINO, 2016, p. 09).

Se durante muito tempo o museu foi “[...] o lugar de representação do outro” (DUARTE, p. 01, 2010), especialmente por alguns serem oriundos do processo colonialista, no século XXI, acredito ser viável pensar o museu como lugar de representação do “nós”. Esse nós pode ser visualizado como uma colcha de retalhos composta por diferentes fragmentos que dão uma forma singular ao todo. Para o antropólogo José Reginaldo Gonçalves os museus são “[...] espaços materiais de representação social [...]” (GONÇALVES, 2007, p. 83) e, pensando no campo da Museologia Social, conforme afirma Chagas, Assunção e Glas: “[...] Museologia Social é uma práxis de combate às práticas preconceituosas, racistas, moralistas, autoritárias, aristocráticas, hierarquizantes, homofóbicas e xenofóbicas assumidas por determinados museus e orientações museológicas, a partir de seus ideólogos e operadores. (CHAGAS; ASSUNÇÃO & GLAS, 2014, p. 433).

Todos nós que atuamos no campo da Museologia sabemos que os museus são cenários ambíguos, tensos, conflituosos, de produção e reprodução de poder, que podem ser representativos e significativos para determinados grupos sociais e

não para outros. Os museus muitas vezes são espaços de vozes, de silêncios forjados e de escuta para poucos. Para mim, silenciar sobre questões nevrálgicas dentro das sociedades nas quais estamos inseridos, faz parte de uma estratégia de anulação da existência dos outros semelhantes a nós. E quase sempre tendemos a silenciar, especialmente o que nos incomoda enquanto grupo homogêneo, o que apresenta o nosso lado desumanamente humano. Silenciamos pela nossa incapacidade de interagir com as diferenças dos outros. E nessas circunstâncias o silêncio é violento!

Ahhh! ... o silêncio...

Silêncio tão desejado por nós - seres abalados com o caos mundano...

CANSEI DO SILÊNCIO!...

O silêncio me corrói por dentro...

O silêncio não me diz nada...

O silêncio é o desavesso do avesso...

Detestável silêncio...

Maldito silêncio...

Louvamos o silêncio...

Idolatrados o silêncio...

Apreciamos o silêncio...

Romantizamos o silêncio...

O silêncio é morte ...

O silêncio é inquietude...

O silêncio é desamor...

O silêncio é violência

Asqueroso silêncio

Mórbido silêncio

O silêncio dilacera...

O silêncio extingue...

O silêncio é indiferença...

A quem o silêncio acalma?

A quem é delegado o direito a voz?

A quem é imposto a mudez?

A quem é concedido a escuta?

Por que necessitamos de tanto silêncio?

Silêncio para beneficiar a quem?

O silêncio é uma fachada feita para estar nas montras em tempos de distorção e mal contato...

(GOMES, 2016,

<https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=5781780040862034288#editor/target=post;postID=7788092643381996284;onPublishedMenu=allposts;onClosedMenu=allposts;postNum=0;src=postname>)

A artista portuguesa contemporânea Grada Kilomba, trabalha com a ideia de que:

[...] as narrativas são silenciadas, porque outras vozes falam mais alto. Não é que nós não estamos a falar, mas sim que nossa voz não é escutada. Então não é que a gente não tenha estado a produzir conhecimento e narração. A gente sempre fala, a gente sempre entrega conhecimento, mas não escutam nossa narração, não escutam nossa história. (KILOMBA, 2016, [s/n] <http://brasileiros.com.br/2016/09/o-conhecimento-e-colonizacao/>)

Todas às vezes que leio essa entrevista da Grada Kilomba, fico pensando que na atual Lisboa ouvimos e dançamos os sons dos imigrantes, mas quase nunca escutamos as suas vozes; comemos as suas comidas, usamos suas roupas, celebramos até as suas festas, mas lhes é cerceado o direito de existirem como pessoas constituintes da sociedade portuguesa. E nessa distração distorcida do cotidiano, esquecemos que todos os dias seres humanos, semelhantes e diferentes de nós, morrem mediterraneamente nas travessias de barco pela busca de uma nova vida. Seus corpos ficam depositados nos fundos das reservas técnicas dos mares europeus, sem direito a memória nos museus das capitais europeias. “[...] Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura, se é verdade, tanto horror perante os céus?! Ó mar, por que não apagas com a esponja de tuas vagas, de teu manto este borrão? Astros! noites! tempestades! Rolai das imensidades! Varrei os mares, tufão!” (ALVES, [s/d], p.04). Na Europa aprendi que o poeta baiano Castro Alves, nascido no século XIX, é contemporâneo. Aqui os mares, muitas vezes, são de horror e tristeza. Águas nebulosas que ofertam a morte. Entendi que aqui também há comoção seletiva, existem vidas e corpos que valem mais, assim como no resto do mundo. E assim, vamos consolidando as diferenças como um mal a ser banido e hierarquizamos o direito a vida de ser vivida. O filósofo camaronês Achille Mbembe numa entrevista cedida ao Instituto Goethe, em dezembro de 2016, nos apresenta uma boa reflexão sobre a diferença:

O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? A premissa aqui é de que a diferença tem que ser reconhecida, aceita e ao mesmo tempo transcendida. Pois a suposição – não apenas no mundo em que vivemos hoje, mas também em períodos anteriores da história humana – é de que a diferença é um problema com o qual se precisa lidar. Então o primeiro movimento que poderíamos desejar

fazer é questionar tal suposição. Por que é que achamos que a diferença é um problema? Por que ela não é simplesmente um fato da realidade? A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado normal das coisas. A diferença se tornou um problema político e cultural no momento em que o contato violento entre povos, por meio da conquista, do colonialismo e do racismo, levou alguns a acreditarem que eram melhores que outros. (MBEMBE, 2016, [s/n] <http://brasileiros.com.br/2016/12/por-que-julgamos-que-diferenca-e-um-problema/>)

Francisco Sousa, biólogo português, co-fundador da dupla de Djs Celeste e Mariposa e colunista da Revista Sábado, na sua crônica intitulada “Amor Próprio, Magia e Verdade” de 23 de janeiro de 2017, ao se referir sobre os silenciamentos culturais na história faz a seguinte abordagem:

Não afirmo aqui a necessidade de instituir a ‘culpa ocidental’ como companheira dos nossos dias. Nunca isso poderia ser executado (e seria estúpido), começando com a impossível culpabilização dos vivos pelos horrores do longínquo passado. No entanto, para uma análise informada e responsável sobre o nosso lugar no mundo (seja de quem for), temos de romper a casca da mitologia que nos é imposta e partir a direito em busca de um lugar real que descreve a nossa cultura, com defeitos e virtudes, de forma frontal e realista. Só estando bem informados podemos ter uma ideia verdadeira de nós próprios, e esse é o simples ponto de partida para, com muito esforço e barreiras, se ter a hipótese de criar uma sociedade igualitária (SOUSA, 2017, [s/n] http://www.sabado.pt/opiniao/convidados/francisco-sousa/detalhe/amor-proprio-magia-verdade?ref=DET_Ultimas_francisco-sousa)

Concordo com o pensamento do Francisco, pois a culpa não é uma alternativa plausível. Porém, acrescentaria que reconhecer os privilégios históricos, geográficos, simbólicos, raciais, econômicos e de gênero é uma possibilidade de se estabelecer um diálogo simétrico entre todos nós do presente, para não ficarmos habitando as geografias do passado, como bem nos alerta a Grada Kilomba (2016).

Dito isto, penso que um dos desafios para a Museologia portuguesa nessa tal contemporaneidade é evidenciar que Lisboa não tem uma só cor, um só cheiro, uma única música, um único sabor, uma uniforme face. A Lisboa do presente querendo ou não: é múltipla e tensa! Pensar nas variadas paisagens humanas que conformam o tecido social dessa paisagem urbana, não pode se restringir a uma exposição pontual, à exibição fotográfica do Ramadã celebrado pelos guineenses na Mouraria; à mostra de fotografias das mulheres bangladeshianas e nepalesas com as suas roupas coloridas; à comemoração anual do ano novo chinês e nem às aulas para se

aprender a dançar funaná, kizomba e tarraxinha. É preciso ir além e reconhecer as lutas diárias, as memórias e vivências de pessoas que vivem na esteira da desigualdade, ansiando para serem tratadas com dignidade. E assim, é possível seguir nessa Lisboa poética que nos encanta com a sua luz boa e as suas águas tejas.

pOEtlSAndO o flm PaRa OutrOs iNÍCioS pOÉtlcOs

Pediram-me um mapa! Não sei desenhar... Possuo a indelicadeza de não grafar traços no espaço... não sei contornar linhas que dêem formato aos meus pensamentos... E o que é?... onde é? ... qual é o centro de Lisboa para mim? É onde meus pés tocam... meu coração pulsa e a poesia me invade... É a descoberta das ruínas onde não passei antes e talvez não passe novamente... Não sei definir o centro de Lisboa pelos riscados dos arquitetos e geógrafos... Meu centro é o meu caminho de andarilha na cidade... procurando... encontrando... revelando a Lisboa na qual Pedro perdeu as asas...

eSPeLHo. TeXTo. vOz. EscUtA.

Espelho...
Texto...
Voz...
Escuta...

Imagens não-nossas de cada dia...
Falas inaudíveis cotidianamente...
Invisíveis nas vitrines da cidade...

Espelho...
Texto...
Voz...
Escuta...

Escritas desconsideradas...
Corpos marcados em fragmentos...
Antítese do belo no interior do cubo branco...

Espelho...
Texto...
Voz...

Escuta...

Existência na desistência do existir...
Coragem no âmago da dor...
Amor nos ruídos do silêncio...

Espelho...
Texto...
Voz...
Escuta...



3 – Largo de São Domingos, Lisboa/PT
Foto: Máira Zenun – 2015.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. O Navio Negreiro. <http://www.culturabrasil.org/zip/negreiro.pdf>. Último acesso realizado em 12 de Março de 2017.

CINTRA, Manuel. **PARTO**. Edição Palavras por Dentro. 2014.

CHAGAS, Mário de S.; ASSUNÇÃO, Paula.; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. In: **Cadernos do CEOM** / Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Museologia Social. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Ano 27. N. 41. 2014.

DIOME, Fatou. **O Ventre do Atlântico**. Tradução Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Editorial Bizâncio. Lisboa, 2004.

DUARTE, Alice. O museu como lugar de representação do outro. In: Antropológicas. <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/988>. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

DU BOIS, W. E. B. D. Do nosso labor espiritual. In: **Malhas que os Impérios Tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Manuela Ribeiro Sanches (organizadora). 2012. Lisboa – PT.

GOMES, Luzia. eSPeLHo. TeXTo. vOz. EscUtA. In: Blog Etnografias Poéticas de Mim. Lisboa, 15 de Janeiro de 2017. <http://etnografiasdemim.blogspot.pt/2017/03/espelho-texto-voz-escuta.html>. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

_____, a BeLeZa dAs YaBáS dO mEU Ori. In Blog Etnografias Poéticas de mim. Lisboa, 02 de Agosto de 2016. <http://etnografiasdemim.blogspot.pt/2016/08/a-beleza-das-yabas-do-meu-ori.html>. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

_____, silÊncIO dE fAchAdA. In Blog Etnografias Poéticas de mim. Lisboa, 09 de Agosto de 2016. <http://etnografiasdemim.blogspot.pt/2016/08/silencio-de-fachada.html>. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007.

KILOMBA, Grada. A descolonização do pensamento na obra de Grada Kilomba. In: Revistas Brasileiros. 26 de setembro de 2016. <http://brasileiros.com.br/2016/09/o-conhecimento-e-colonizacao/>. Último acesso realizado em 03 de Março de 2017.

LORDE, Audre. Poesia não é Luxo. Publicado originalmente em Chrysalis: A Magazine of Female Culture, nº. 03 (1977), compilado no livro Sister Outsider: Essays and Speeches (1984). In: feminismo acadêmico. Tradução livre feita sem fins lucrativos, para divulgação do trabalho e das ideias de Audre. <https://feminismoacademico.wordpress.com/>. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

MBEMBE, Achille. “Por que julgamos que a diferença é um problema?”. In: Revistas Brasileiros. 16 de Dezembro de 2016. <http://brasileiros.com.br/2016/12/por-que-julgamos-que-diferenca-e-um-problema/>. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

MUCAVELE, Amasse. **Geografia do Olhar**. Cavalos do Mar edições. Direcção da Colecção: Mbate Pedro. Maputo – Moçambique. 2016.

OLIVEIRA, Daniel. O racismo e suas vítimas invisíveis. In: Jornal Expresso. http://expresso.sapo.pt/bloques/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/2016-12-15-O-racismo-e-as-suas-vitimas-invisiveis. Último acesso realizado em 09 de Março de 2017.

PAULINO, Rosana. Diálogos Ausentes, Vozes Presentes. In: Itaú Cultural. 2016. http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2016/12/di%C3%A1logosausentes_rosanapaulino-rev.pdf Último acesso realizado em 10 de Março de 2016.

RIBEIRO, António P. **abrigos: condições das cidades e energia da cultura**. Edições Cotovia, Lda, Lisboa. 2004.

ROLDÃO, Cristina. Os afrodescendentes no sistema educativo português. In: Encontros Mensais de Experiências Migratórias. Núcleo de Estudos e Estudantes Africanos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (NEEA-FLUL). Lisboa, 27 de Abril de 2016.

SOUSA, Francisco. Amor Próprio, Magia, Verdade. In: Revista Sábado. Lisboa, 23 de Janeiro de 2017. http://www.sabado.pt/opiniao/convidados/francisco-sousa/detalhe/amor-proprio-magia-verdade?ref=DET_Ultimas_francisco-sousa. Último acesso realizado em 03 de Março de 2017.